

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MILENA DE MACEDO ALVES

**Utilização Do Jornal Na Escola Como
Apoio Pedagógico**

**Porto Alegre
2013**

MILENA DE MACEDO ALVES

**UTILIZAÇÃO DO JORNAL NA ESCOLA
COMO APOIO PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Prof. Carlos Tadeu Queiroz de Moraes**

**Porto Alegre
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na

Educação: Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha pessoa, pela minha persistência em querer concluir este curso diante de todas as dificuldades apresentadas na etapa final.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por oferecer o curso e aos responsáveis pelo curso de Pós Graduação Mídias da Educação pela responsabilidade apresentada durante a realização.

Ao Professor Carlos Tadeu Queiroz de Moraes que me acompanhou nesta última etapa, acreditando que podia concluir este curso.

Aos meus familiares que me apoiaram e colaboraram, em especial, ao meu namorado, que me amparou e cooperou todas as vezes que precisei me deslocar ao Pólo em Balneário Pinhal e, minha filha Julia, que compreendeu a minha falta nesses momentos de conquista, fica a minha eterna gratidão e carinho em acreditar que mais uma vez poderia vencer.

RESUMO

Este trabalho traz como tema a Utilização do Jornal na Escola como Apoio Pedagógico e apresenta esta ferramenta como enfoque didático no ambiente escolar para promover a formação do aluno em diferentes situações de aprendizagem e metas educativas. Investigando o uso do jornal em sala de aula e colaborando na inclusão desta mídia para que se torne apoio pedagógico para muitos educadores e explanando com estudos e pensamentos de autores que trazem sua história, benefícios e colaboração dentro do âmbito da Educação, com enfoque na comunidade escolar e sala de aula. E mostrar através de toda pesquisa bibliográfica e fundamentação teórica apresentada por autores, como, Ghilardi (2006), Kenski (2007), Freire (1987 e 1997), Belloni (1998), Pastorello (2005) e entre tantos estudiosos, que vêm tentando compreender o uso dos jornais impressos em sala de aula uma forma de contribuir positivamente no auxílio da prática educativa. A leitura de jornais impressos em sala de aula enriquece a capacidade de entendimento dos alunos, principalmente ao acréscimo e ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive. Neste pensamento de contribuir com a formação de cidadãos mais críticos e reflexivos com o uso da ferramenta jornalística impressa dentro do âmbito escolar resultou na explanação fundamentada teoricamente de que o uso do jornal como recurso e apoio pedagógico colabora de forma positiva a melhoria da leitura e interpretação, num olhar crítico e reflexivo de alunos e formação crítica do professor ao contribuir, a partir da busca pela mediação do aprender e ensinar e na sua formação como docente. O professor é responsável pela formação da cidadania e deve sempre buscar a melhor forma de repassar determinados conceitos aos seus alunos. Existem inúmeros materiais que podem ser usados com essa finalidade e o jornal é considerado como um deles, pois é extremamente positivo ao ser utilizado pelos educadores, porém de forma sábia, planejada e com objetivos a alcançar.

Palavras-chave: jornal – educação – instrumento pedagógico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Objetivos.....	10
1.2	Relevância	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	Mídias e a Probabilidade De Auxílio Pedagógico.....	19
2.2	Jornal e o Mundo	20
2.3	Jornal e a Educação	22
2.4	Jornal e a Sala de Aula.....	24
2.5	A Formação Crítica do Professor no Uso do Jornal em Sala de Aula	27
3	METODOLOGIA	31
4	DISCUSSÃO DO TEMA E CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A educação do Século XXI vem apontando cada vez mais, a necessidade de se utilizar recursos e técnicas, que propiciem o despertar do aluno, de maneira abrangente e participativa, a fim de criar uma visão crítica e consciente em relação às transformações do mundo. A rapidez das informações que atualmente circulam por meio da Internet e o celular têm direcionado a atenção do aluno para o que é virtual, veloz e interativo. As crianças e adolescentes estão conectados continuamente em aparelhos eletrônicos e midiáticos, com os quais estabelecem novas percepções e relações com o mundo e com o outro.

Em contrapartida, a escola, no intuito de exercer sua função procura se adequar à nova demanda da sociedade, procurando capacitar os profissionais responsáveis para que os objetivos educacionais sejam alcançados. Da mesma forma, precisa fazer uso da diversidade de ferramentas tecnológicas, promovendo estratégias metodológicas que propiciem um ambiente dinâmico, interativo e significativo ao aprendiz. É importante a escola incorporar as linguagens e o universo de comunicação dos jovens.

O trabalho com jornais, além de ampliar o universo dos alunos, ajuda a formar leitores competentes e torna as suas aulas mais interessantes. Em tempos de interatividade via telefone celular e internet, fazer com que as crianças se interessem pela leitura de jornais não é tarefa das mais fáceis, mas certamente é fundamental para formar leitores habituais e cidadãos bem-informados. Trazendo textos com características distintas, fotografia e recursos gráficos, os jornais são uma fonte respeitada para pesquisa e para a obtenção de informação sobre o mundo atual. Além disso, eles se modernizaram e

passaram por reestruturações gráficas e editoriais para proporcionar leitura mais agradável de seu conteúdo.

Para uma criança tomar gosto pelos periódicos, o primeiro passo é acabar com a ideia de que jornal é coisa de "gente grande". Dentro da gama variada de assuntos abordados, certamente são encontradas notícias locais ou de entretenimento que atraem também os pequenos.

É importante fazer os alunos se relacionarem com o jornal como se fossem leitores comuns: eles devem manuseá-lo por inteiro (não só textos recortados), aberto sobre uma mesa, no chão ou dobrado; e buscar os cadernos que mais interessam, vendo fotos e lendo títulos, subtítulos e o início de cada reportagem, para saber se vale seguir até o final.

A utilização do jornal em sala de aula como recurso pedagógico, vem contribuindo de forma concreta na melhoria da leitura, a interpretação dos assuntos tratados sob um prisma reflexivo e crítico. O raciocínio divergente é bastante ativado por meio do trabalho com o jornal. Isto significa dizer que o fato do aluno trabalhar com matérias jornalísticas como fonte de informação, ele teve que ativar habilidades mentais que exigiram múltiplas operações até chegar a uma resposta.

Ao contrário dos antigos questionários, que têm como referência um dado texto, só exigindo do aluno a localização no tal texto onde está a resposta esperada pelo professor. Contudo, o jornal por ser um material diário, oferece a possibilidade de informação atualizada, por isso a utilização do jornal tem de ser viabilizada pelo professor de maneira muito responsável, pois vale lembrar que, mesmo tentando ser isento de algum critério de valor, o jornal representa, de certa forma, o momento histórico-social e; por isso, ele não deve fechar-se em opiniões, mas possibilitar ao aluno a reflexão e o questionamento.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, conforme se apresenta a seguir: No capítulo 1, apresentará a introdução com os objetivos proposto por este trabalho em demonstrar que a mídia impressa, o jornal, tem enfoque didático no ambiente escolar para promover a formação do aluno em diferentes situações de aprendizagem e metas educativas, como meio de comunicação, tornando-se relevante no âmbito pedagógico na medida em que o professor o

utiliza em suas práticas como meio de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, possibilitando a construção do conhecimento dos alunos e contribuindo para a formação de leitores críticos, criativos e autônomos.

No capítulo 2, será apresentado a seguir, o referencial teórico, embasado em cima de muitos autores que trazem e defendem o uso desta mídia impressa assim como Ghilardi (2002) afirma de que utilizar das mídias oportunizando situações de reflexão e participação do aluno de forma ativa e crítica. Seguindo neste capítulo uma introdução sobre o histórico do jornal pelo mundo até o Brasil, afunilando em destaque para a Educação, sala de aula e professor como pensamento crítico formador.

No capítulo 3, será apresentada a metodologia aplicada a este trabalho, em cima das considerações de Gill (1999), que desenvolve a pesquisa social bibliográfica e exploratória, a fim de contribuir com o pesquisador e levantar hipóteses que contribuam com os leitores.

E por fim, no capítulo 4, serão apresentadas as considerações finais, elencando os conceitos mais relevantes trazidos pelos autores, assim como possíveis questionamentos e contribuições para os pensamentos expostos. Em meio a tantas contribuições de autores, será apresentada, de forma pessoal, a contribuição que teve para o trabalho do pesquisador ao longo do curso de Mídias da Educação, os objetivos propostos no início deste trabalho e suas futuras contribuições para o trabalho profissional que hoje atua – sala de aula.

1.1 Objetivos

O tema exposto nesse contexto é embasado no estudo teórico da pesquisa de que o uso do jornal em sala de aula contribuirá como instrumento para desenvolver e ampliar a compreensão de leitura e escrita, significativamente para a criação de um elo entre os conteúdos teóricos dos programas escolares com a realidade escolar e social.

1.1.1 Objetivo Geral

Demonstrar que a mídia impressa e o jornal tem enfoque didático no ambiente escolar para promover a formação do aluno em diferentes situações de aprendizagem e metas educativas. Investigando o uso do jornal em sala de aula e colaborar na inclusão desta mídia jornalística para que se torne apoio pedagógico para muitos educadores e explanando com estudos e pensamentos de autores que trazem sua história, benefícios e colaboração dentro do âmbito da Educação, com enfoque na comunidade escolar e sala de aula.

1.1.2 Objetivos Específicos

A pesquisa é centrada em quatro objetivos específicos:

- 1º Demonstrar aos leitores e professores interessados que este recurso pedagógico tem grande importância metodológica para a sala de aula.
- 2º Resgatar estudos sobre o jornal no âmbito da Educação.
- 3º Pesquisar o uso desta mídia dentro da escola e sala de aula.
- 4º Analisar as contribuições positivas do uso do jornal dentro da sala de aula.
- 5º Incentivar a formação crítica do educador com o uso do jornal no ambiente escolar.

1.2 Relevância

A ideia de utilizar o jornal como um instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula transforma-o em uma ferramenta prática para a motivação do ensino. O estudo e a leitura do jornal dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, em alguns casos, são muito mais bem sucedidos do

que o simples uso do livro didático. Esse instrumento pedagógico forma um conjunto de cidadãos mais informados e participantes.

A ferramenta pedagógica, que se utiliza com o uso do jornal em sala de aula, prioriza o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como objetivo originar uma leitura mais crítica, assim como, esclarecer ao aluno a realidade dos problemas sociais, propiciarem o desenvolvimento do raciocínio, aumentar a capacidade de questionamentos e abranger o conteúdo cultural. Segundo Trindade (2000), pedagogos e especialistas em educação e linguística afirmam que o jornal é uma alternativa à predominância da televisão, que aliena os jovens e cria uma “dificuldade” à recepção e ao questionamento daquilo a que estão expostos.

O costume da leitura de jornais em sala de aula enriquece a capacidade de entendimento dos alunos, principalmente ao acréscimo e ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive. O jornal, como ferramenta pedagógica, traz uma visão aberta e atualizada, um espaço de divulgação de ideias, de comunicação de opinião e interesses e tem contorno multidisciplinar e interdisciplinar. O jornal espelha o jogo de interesses da sociedade e o estudante pode compreender em que sociedade está vivendo e convivendo. O jornal é um extraordinário material pedagógico porque traz para a sala de aula a sociedade e suas necessidades reais. O docente precisa também beneficiar a interação do educando com a realidade social cotidiana e originar o acompanhamento do assunto jornalístico.

Em consequência, o uso do jornal em sala de aula, como meio de comunicação, torna-se relevante no âmbito pedagógico na medida em que o professor o utiliza em suas práticas como meio de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, possibilitando a construção do conhecimento dos alunos e contribuindo para a formação de leitores críticos, criativos e autônomos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Independente do grupo em que vivem, é de suma importância, a todas as pessoas, compreender a realidade com que se deparam, para melhor se relacionar, interpretar, atuar e, principalmente, discernir o que querem em um mundo em que cada vez mais as informações difundidas pelas mídias impressas ou eletrônicas se fazem presentes. Diz Ghilardi (2006) que o professor pode preparar seus alunos para “filtrar” todas as informações disponíveis em nossa sociedade e que um dos papéis dos educadores é oportunizar um diálogo com a mídia, criando situações para reflexão e participação do aluno de forma ativa e crítica.

Ao contrário dos séculos anteriores, em que o conhecimento era privilégio de poucas famílias influentes e de uma parte da Igreja, a informação tomou novos rumos a partir do século XX, com o advento das mídias como rádio, televisão, jornais e, mais recentemente, Internet, porque a informação se tornou acessível a todos com maior velocidade e menor custo. Dessa forma, segundo Citelli (2006), à escola coloca-se o desafio de trabalhar num universo marcado pelas diferentes linguagens inclusive a impressa ou digital, cujos crescentes processos de integração acentuam e intensificam as migrações do conhecimento e da informação, facilitando aos jovens vivenciar experiências com linguagens que não se bastam e tampouco se confinam à tradição verbal. Essa evidência transforma a sala de aula em espaço cruzado por mensagens e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudista e enciclopédica que rege a educação formal. É nesse contexto que se estabelece para cidadãos o desafio de adquirir competências indispensáveis para

transformar as inúmeras informações fornecidas pelos mais diversos meios de comunicação em conhecimento.

Mas, para que esse desafio seja superado, diferentes condições são necessárias, citemos: acesso às informações das diferentes mídias impressas ou digitais e das tecnologias de informação e comunicação, assim como, a convivência em diferentes grupos sociais e o principal acesso à escola e aos recursos, como jornais e Internet, que permitam aos cidadãos a conquista a sua cidadania. Ratificam esse raciocínio Guareschi & Biz (2005), porque enfatizam a necessidade de transformar a educação num processo de libertação, de visão crítica da realidade, o qual está associado à questão da cidadania, com destaque para a participação de todos no processo de decisões que são tomadas na construção de uma nação.

Fica evidente, portanto, que necessitamos de uma escola que permita a formação de pessoas capazes de compreender e atuar nesse novo cenário de maneira integral, visto que é no espaço escolar, que a educação torna-se um fator determinante na construção de uma sociedade que se fundamenta no conhecimento e na totalidade do ser humano. Brunner (2004) confirma que educação é mais que apenas a transmissão de conhecimentos e a aquisição de competências valorizadas no mercado de trabalho. Ela envolve valores, forja o caráter, oferece orientações, em suma, introduz as pessoas numa ordem moral. Desse modo, a escola representa uma das instituições encarregadas de proporcionar oportunidades a todos e de desenvolver habilidades e capacidade de aprender nesse novo cenário de difusão e uso intenso das informações. Nesse ambiente de mudanças sociais aceleradas, os ambientes escolares podem adotar práticas que incluem o uso de jornais impressos ou digitais em sala de aula como atividades significativas na vida dos educandos.

Semelhante exigência não pode representar tão somente um recurso de retórica, porque vivemos em uma sociedade marcada pelo uso da informação geradora de conhecimento e os jornais, como recurso didático, podem contribuir para firmar a formação de leitores críticos.

Outro aspecto importante que não podemos esquecer é que nossos alunos nasceram e estão se constituindo enquanto cidadãos nessa nova realidade. Nesse contexto que, segundo Baccega (2006), alguns denominam sociedade da informação, outros, sociedade do conhecimento, os valores de compartilhamento, de interação e o relacionamento humano estão se modificando velozmente. Recebemos uma gama de informação em escala muito maior do que podemos absorver. E, nessa escalada estonteante, o conhecimento, com sua percepção de totalidade, pode ajudar na seleção do que é efetivamente importante e necessário para as mudanças históricas e sociais.

Assim, a educação também passa a sentir o impacto das mudanças causadas pelo uso intensivo da informação e pelas tecnologias de informação e comunicação. Em uma sociedade que valoriza a informação, os comportamentos e saberes se alteram com extrema velocidade.

Desta forma, de acordo com Kenski (2007), um saber ampliado por rápidas mudanças caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade e reflete sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Em consequência, emerge a necessidade de abrir-se para novas linguagens, inclusive a jornalística, resultante de mudanças nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica e midiática. Esse é um dos desafios a ser considerado pela escola, uma vez que o uso das informações jornalísticas na educação não pode ser entendido apenas como técnica para ensinar como manusear os jornais impressos ou digitais, o chamado uso tecnicista, com práticas vazias sem significados claros percebidos pelos alunos.

A introdução dos jornais impressos ou digitais na escola requer professores com formação cultural e base teórica para desempenhar sua função de possibilitar a interação entre conhecimento, tecnologia e as mídias. Dias & Filho (2003) são autores que manifestam preocupações sobre o uso tecnicista dos jornais. Eles propõem que o professor deve refletir e discutir criticamente as diferentes funções das tecnologias e das mídias, relevando a necessidade de tematizar e questionar os meios tecnológicos e midiáticos de

informação e comunicação não como meros recursos técnicos que veiculam conteúdos pedagógicos por meio atraentes e coloridos desenhos, sons e animações, mas como meios que podem ser concebidos como um instrumento de mediação, através dos quais qual é possível provocar novos modos de produzir e gerar conhecimentos.

Dessa maneira, podemos mencionar vários aspectos importantes a serem levados em conta para a incorporação das TIC e das mídias, segundo Tedesco (2004), em primeiro lugar, existe uma grande demanda social para incorporar as tecnologias e as mídias na educação, o que muitas vezes ocorre sem informações suficientes sobre sua funcionalidade. Planejar estratégias de comunicação destinadas a qualificar as demandas educativas pode ajudar a criar um contexto mais favorável para as incorporações. Em segundo lugar, as estratégias relativas às tecnologias e às mídias exigem alianças no interior do próprio setor público, particularmente entre os órgãos de Educação, de Comunicação e as universidades. Nessas alianças, é fundamental que o setor público represente o interesse geral, que se sobrepõe à lógica de mercado. E em terceiro lugar, as estratégias devem considerar, de forma prioritária, os professores. As pesquisas realizadas a esse respeito mostram que, embora a maioria dos professores manifeste atitudes favoráveis à utilização das informações midiáticas e das TIC, existem aspectos culturais que merecem atenção, pois modificam significativamente o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. As pesquisas disponíveis, porém, não indicam caminhos claros para enfrentar o desafio da formação e do desempenho nesse novo contexto de bombardeio de informações.

Nessa perspectiva, com a mudança tecnológica e informacional, o homem foi inserido num novo contexto, numa nova maneira de viver a vida, alterando valores, crenças e hábitos. As informações jornalísticas difundidas pelas diferentes mídias sempre representaram instrumento de inclusão ou exclusão social, mas agora adquirem um novo contorno. Não mais apenas como incorporação ao mercado, mas como incorporação à cidadania, garantindo acesso à informação que amplia o potencial crítico do cidadão. Desse modo, de acordo com Pretto e Pinto (2006), somos cidadãos e

consumidores, emissores e receptores de saber e informação, ou seja, seres, ao mesmo tempo, autônomos e conectados em rede. Caracteriza-se, portanto, a nova forma de viver na coletividade.

O espaço da escola representa o contexto para essa revolução. Como ressalta Pimenta (2002), a finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica e multimídia é possibilitar aos alunos o acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com criticidade. O que implica analisá-los, confrontá-los, contextualizá-los, o que exige os articular em totalidades que permitam aos educandos irem construindo a noção de cidadania mundial.

Porém, como ensinar e gerar conhecimentos nessa nova sociedade marcada pela transformação tecnológica e pela presença das mídias, na qual os meios de comunicação circulam livremente interferindo na formação de crianças, jovens e adultos?

Esse é mais um dos desafios da educação, pois segundo Gomes (2002), somente a inserção da TIC e das informações midiáticas na escola não garante mudanças na qualidade da educação. Urge repensar os modelos existentes para a adoção de novas práticas, que contribuam efetivamente para a formação de cidadãos capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Kenski (2007) acredita que não há dúvidas de que a TIC e o uso das informações midiáticas trouxeram mudanças positivas para a educação por conter informações atualizadas, imagens, sites educacionais, softwares diferenciados, os quais transformaram a realidade da aula tradicional, dinamizando o espaço de ensino-aprendizagem, onde anteriormente, predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor. Mas, para que haja uma integração efetiva da TIC e das diferentes linguagens que circulam no ambiente social, elas carecem ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente pelos educadores, respeitando as especificidades do ensino e da própria tecnologia ou mídia escolhida para poder possibilitar que o seu uso possa trazer modificações em sala de aula. Diante dessa situação, não basta apenas os educadores utilizarem a TIC e as diferentes linguagens

impressas e digitais. Urge saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia ou mídia escolhida para não cair no chamado tecnicismo.

Relata Belloni (2001) que as informações que circulam o social estão presentes e influentes em todas as esferas da sociedade, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso a essas informações estão gerando. Pois, todos os alunos devem ter o direito à liberdade de expressão, com acesso às mais variadas fonte de informações quer sejam: Internet, jornal, revista, televisão ou rádio. Da mesma forma, o direito à educação inclusiva, principalmente com qualidade, possibilitando o uso das informações jornalísticas como recurso para a construção do conhecimento. Atualmente, percebemos que as informações jornalísticas principalmente as veiculadas pela Internet estão abrindo possibilidades e oportunidades, antes até então inexistentes para pôr em prática o direito básico dos nossos aprendizes, que é o acesso à informação sem fronteiras para a construção do conhecimento.

Segundo Belloni (1998), cabe à escola não só assegurar a democratização do acesso aos meios de comunicação os mais sofisticados, mas ir além e estimular, dar condições, preparar as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas informações. É função da escola formar cidadãos livres e autônomos, sujeitos do processo educacional: professores e estudantes identificados com seu novo papel de pesquisadores, num mundo cada vez mais informacional e informatizado. O que cabe às nossas escolas nessa sociedade que privilegia as informações difundidas nas mídias e nas tecnologias de informação e comunicação? Gadotti (2000) responde-nos a questão ao considerar que cabe a ela organizar um movimento global de renovação cultural, aproveitando-se de toda essa riqueza de informações. A escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas ou midiáticas. Temos uma tradição de dar pouca importância ao que circula no social para integrá-lo à educação.

Assim, a escola deve abrir-se para as novas linguagens, inclusive a jornalística, oferecendo condições para os alunos irem além da formação para o consumo. Mas, ao contrário, promover práticas educativas significativas que

contribuam para que os nossos aprendizes atuem, de forma crítica e participativa, diante das possíveis mudanças e influências ocorridas na sociedade. Desse modo, acreditamos ser necessário refletir sobre o uso das mídias na possibilidade de um ensino voltado para a formação de alunos críticos.

2.1 Mídias e a Probabilidade De Auxílio Pedagógico

O termo “mídia” será entendido nesta pesquisa, segundo T. Silva (2005) como: “conjunto de veículos e linguagens para a realização da comunicação humana para o cumprimento de diferentes interesses e propósitos” (p.33).

A grafia predominantemente, segundo Santaella (2003), é no plural “as mídias” e será empregada quer no sentido estrito de jornalismo impresso ou digital, quer no sentido de meios noticiosos e informativos em geral, incluindo o rádio, televisão e Internet. Como apontam os estudos de Guareschi & Biz (2005), Ghilardi & Barzotto (2002) e Santaella (2003), a educação para a mídia resulta de uma leitura crítica, quer seja, da mídia visual, da impressa ou da eletrônica.

Belloni (2001), uma das precursoras a defender um ensino crítico das mídias na educação, analisa que é a escola que tem condições teóricas e práticas para executar um trabalho significativo voltado para o uso crítico das informações jornalísticas. Afinal, a escola é responsável pela elaboração do ensino/aprendizagem e pela coerência da informação nela transmitida, detendo as condições das práticas educativas voltadas para a criticidade das novas gerações. Dessa maneira, a integração da educação para o uso de jornais impressos e digitais pode se realizar em dois níveis: como instrumento pedagógico fornecendo apoio para a melhoria da qualidade de ensino e como objeto de estudo, dinamizando condições para o entendimento crítico dessa linguagem presente em nossa sociedade, cada vez mais influenciada por esses meios.

No contexto de uso das mídias, a escola não pode ignorar todas as informações propagadas pelos meios de comunicação. Martín-Barbero (1999) acredita que a escola deve abrir-se para as novas linguagens, visto que os alunos chegam à escola com novos modos de ler. O problema básico da escola é abrir-se para as novas linguagens de forma crítica. Não de forma instrumentada, mecânica ou modernizante. A ideia é abrir-se com temas que interessam à juventude. Não se pode tangenciar a questão de que a escola está perdendo importância na medida em que é incapaz de interagir com o horizonte cultural dos jovens. Ou seja, a escola vai continuar a ser necessária na medida em que for ao encontro desses novos modos de ler, de escrever. Assim sendo, as mídias podem ser utilizadas como recurso pedagógico a favor da educação, na direção de motivar a formação de alunos críticos, facilitando um ensino de melhor qualidade.

2.2 Jornal e o Mundo

A mídia impressa vem sendo utilizada há séculos pela civilização como meio de divulgar e informar. Júlio César, imperador de Roma na intuição de acrescentar a informação ao público sobre os acontecimentos sociais e políticos mais importantes ordena que todos os eventos fossem divulgados nas principais cidades de Roma, onde surgiu o jornal mais antigo, Acta Diurna cerca de 59 anos A.C. Em forma de placas grandes pintadas de branco e expostas em lugares públicos, mantendo os cidadãos informados de qualquer campanha militar, escândalos do governo, execuções e julgamentos.

No século VIII na China, em Pequim surgem os primeiros jornais, na forma de boletins escritos à mão. Johann Gutenberg, considerado o marco da Revolução da Imprensa inventou em 1447 a prensa, que permitiu a troca de ideias e disseminação do conhecimento, levando informativos ao um grupo maior. Na Alemanha boletins manuscritos circulavam apenas no final do século XV.

Em meados do século XVII, jornais começaram a surgir com mais frequência em publicações periódicas. Os primeiros jornais modernos foram dos países da Europa, como a Alemanha (que publicou o *Avisa Relation oder Zeitung* em 1609), a França (*Gazette* em 1631), a Bélgica (*Nieuwe Tijdingen* em 1616) e a Inglaterra (o *London Gazette*, fundado em 1665, ainda hoje publicado como diário oficial do Judiciário), principalmente com notícias da Europa, ocasionalmente informações de outros países e raramente matérias nacionais, davam preferência de relatos nas derrotas militares dos franceses e escândalos da família real. Somente para o final do século XVII os jornais começaram a focalizar no seu conteúdo assuntos mais locais, tomando cuidado na abordagem de notícias que pudessem instigar atitude de oposição.

A Suécia, em 1766 foi a primeira a aprovar uma lei que amparava a liberdade de imprensa. “A Lei de Liberdade de Imprensa prevê que todo indivíduo tem o direito de acessar documentos públicos, salvo aqueles classificados como secretos. A antiquíssima lei de acesso à informação daquele país está vinculada a uma profunda cultura de transparência e controles cruzados das autoridades com funções públicas.” (Brasília, 2009).

A imprensa escrita transforma-se em 1844, com a invenção do telégrafo, aparelho que permite a comunicação à distância através de fios e da eletricidade, possibilitando as informações impressas em questão de minutos, permitindo mais atualidade e relevância. Inventado pelo norte americano Samuel Morse.

No século XIX os jornais se tornam o principal veículo de informação. Pois grandes nomes como William Randolph Hearst, Joseph Pulitzer e Lorde Northcliffe construíram grandes impérios editoriais e influenciaram a imprensa pela maneira de exercer o poder.

Com a explosão do rádio no cenário da mídia, os jornais foram forçados a reavaliar seu papel de informação na sociedade. Em contrapartida com a concorrência os editores foram impulsionados a torná-los mais atraentes, renovando formatos e conteúdos, com coberturas mais amplas e profundas.

Como as novas tecnologias que surgiam de acordo com a evolução, os jornais passam por autoavaliações e adaptações no surgimento do rádio, que

torna uma fonte mais barata e alternativa, mais tarde se deparam novamente com um novo veículo poderoso, a televisão. No surgimento deste veículo informativo a circulação do jornal cai bruscamente, mas não o torna desusado.

Na contribuição de levantar a informação do jornal, alguns jornais, como USA Today (um jornal diário nacional dos Estados Unidos, publicado pela Gannett Company fundado por Allen 'Al' Neuharth e o jornal de maior circulação por todo Estados Unidos), mostraram avanços tecnológicos através do uso na cor e artigos curtos, rápidos e objetivos, como o que era oferecido pela televisão, no que gerou desafios e oportunidades na revolução da mídia tradicional.

A revolução não para, surge o rádio, a televisão e em fins dos anos 90, a internet surge com informações em grande volume, tempo de muitas informações para muitas pessoas. Mas isso ainda não decreta o fim do jornal, pois ele continua sendo um veículo poderoso na vida da sociedade. A ANJ (Associação Nacional de Jornais) calcula que um bilhão de pessoas em todo o mundo leem um jornal todos os dias.

2.3 Jornal e a Educação

Vivemos numa sociedade em constante transformação, tanto no âmbito do uso tecnológico quanto no informacional, caracterizada por mudanças de diferentes modelos e pelo uso das mais variadas fontes de informação e comunicação. Tais transformações implicam alterações na maneira de pensar e atuar na sociedade emergente que, por sua vez, provocaram significativas alterações no modo de vida de seus componentes, ainda que em ritmos distintos para cada segmento dessa população. Nesse contexto de mudanças, os jornais também acompanharam e se adaptaram às transformações ocorridas na sociedade emergente. Com o advento da Internet, que se expandiu e se consolidou entre a classe média, da qual também fazem parte consumidora e leitores dos jornais impressos. Com a criação dos jornais virtuais, surgiram novos hábitos de leituras chamadas virtuais. Em

consequência, os ávidos leitores passaram também a ler as informações dos jornais da Internet (denominados jornais on-line, digital, eletrônico ou virtual) que se adaptaram e passaram de meras reproduções diárias para fornecedora de conteúdos digitalizados, com informações divulgadas em tempo real dos acontecimentos. Alguns jornais digitais oferecem a publicação do seu noticiário nos telefones celulares habilitados, quando as notícias são enviadas por mensagem de texto (SMS) para seus leitores.

O cenário educacional brasileiro, em razão de avaliações nacionais, como o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), que avalia o sistema de ensino paulista para monitorar as políticas públicas da educação e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), também conhecida como Prova Brasil, que permite acompanhar a evolução da qualidade da educação, demonstra o empenho do incentivo à leitura dos textos, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (1997), os quais preconizam “à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (p.30). Tal orientação deve-se também à propagação que os meios de comunicação, as mídias e as tecnologias de informação e comunicação atingiram após a revolução industrial e mais fortemente na década de 1990 com a chamada revolução informacional. Em consequência, o fácil acesso à informação, que pode gerar conhecimento, deixa de ser exclusividade da escola e passa a dividir espaços com as informações propagadas pelos mais diversos meios de comunicação.

Dessa forma, como relatou Freire (1987 e 1997), é preciso ler o mundo para ler os textos em um caminho de descompasso entre um cenário enciclopédico e livresco de educação, em contraponto ao universo tecnológico e midiático com possibilidade de inúmeras fontes de informações. Atualmente, temos fácil acesso para lermos o mundo na tela do computador, na tela da televisão ou nas páginas de jornal, revista ou outdoors. Nesse contexto em que as informações circulam livremente, o cidadão que não teve uma formação crítica sobre o que os meios de comunicação divulgam pode correr o risco de

sofrer o poder manipulatório do que foi dito ou escrito como verdade, ou seja, o que foi muitas vezes editado pelas mídias.

Nesse cenário de mudanças na forma como as informações são transmitidas, segundo Belloni (1998), cabe à escola não só assegurar a democratização do acesso aos meios de comunicação, mas ir além, preparando as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas mídias. Assim, no Brasil, são evidentes os esforços de pesquisadores, estudiosos, jornalistas e educadores para desenvolver trabalhos no campo do estímulo crítico à leitura e à escrita por meio de jornais. Várias são as iniciativas, citemos: Ferreira (2007), Ijuim (2005), Pastorello (2005), Faria (1999 e 2004), entre outros.

A Associação Nacional de Jornais (ANJ), por exemplo, estimula as empresas jornalísticas associadas a implantar programas voltados para o uso do jornal impresso em sala de aula, incentivando assim, a leitura das informações jornalísticas no contexto escolar.

2.4 Jornal e a Sala de Aula

O uso do jornal em sala de aula indica um novo contorno do pensar e agir por meio da leitura e manipulação do jornal na escola, com resultados admiravelmente positivos. Permite, principalmente para novos leitores, a chance de acesso ao recurso jornal, como um estímulo ao prazer de ler, vincula a realidade social e a natural concepção de alternativas para demonstração de atitudes cidadãs, por parte dos leitores, diante das informações por ele veiculadas. Consiste em promover, nas salas de aula, a leitura com mais prazer, com o manuseio de jornais do dia ou de dias anteriores.

A ideia de utilizar o jornal como um instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula transforma-o em uma ferramenta prática para a motivação do ensino. O estudo e a leitura do jornal dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, em alguns casos, é mais bem sucedido, do que o

simples uso do livro didático. Esse instrumento pedagógico forma um conjunto de cidadãos mais informados e participantes.

A ferramenta pedagógica, que se utiliza com o uso do jornal em sala de aula, prioriza o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como objetivo originar uma leitura mais crítica, assim como, esclarecer ao aluno a realidade dos problemas sociais, propiciar o desenvolvimento do raciocínio, aumentar a capacidade de questionamentos e abranger o conteúdo cultural. Pedagogos e especialistas em educação e lingüística afirmam que o jornal é uma alternativa à predominância da televisão, que aliena os jovens e cria uma “dificuldade” à recepção e ao questionamento daquilo a que estão expostos.

O costume da leitura de jornais em sala de aula enriquece a capacidade de entendimento dos alunos, principalmente ao acréscimo e ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive. O jornal, como ferramenta pedagógica, traz uma visão aberta e atualizada, um espaço de divulgação de idéias, de comunicação de opinião e interesses e tem contorno multidisciplinar e interdisciplinar. O jornal espelha o jogo de interesses da sociedade e o estudante pode compreender em que sociedade está vivendo e convivendo. O jornal é um extraordinário material pedagógico porque traz para a sala de aula a sociedade e suas necessidades reais. O docente precisa também beneficiar a interação do educando com a realidade social cotidiana e originar o acompanhamento do assunto jornalístico.

O jornal reflete os valores, a ética, a cidadania, através dos mais variados temas e se torna assim um aparelho importante para o educando se colocar e se inserir na vida social, por meio dessa ferramenta de comunicação. O uso do jornal na escola atende a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois as matérias tratadas servem de base para o desenvolvimento dos temas transversais, trabalhando-se, por exemplo, a questão da ética e da cidadania nos enfoques e tendências, que dão aos fatos e notícias. Ensina-se através do jornal, a leitura, a interpretação dos assuntos tratados sob um

prisma reflexivo e crítico, propiciando aos alunos a oportunidade de se inserir no mundo através de uma janela de papel.

Cabe ressaltar que o jornal impresso e, principalmente, o digital, como referência de trabalho pedagógico, ainda é pouco explorado pelos professores. Conforme Pastorello (2005), o que ocorre é uma falha em nossos currículos, pois o professor pode apresentar ao aluno a linguagem trazida pelos jornais, para que ele se aproprie dela em seu processo de desenvolvimento e de transformação da cultura de seu meio. Os jornais trazem as contradições presentes no contexto histórico-social em que o aluno vive, e por meio delas os signos verbais tomam forma e conteúdo, possibilitando o diálogo entre as classes sociais. Evitar o uso dos jornais é desvincular o aluno de seu contexto histórico cultural, retardando o desenvolvimento de habilidades que favorecem a apropriação crítica do conhecimento social e historicamente produzido. Para que isso ocorra é necessário que as escolas facilitem o acesso aos jornais impressos e digitais. Assim, acreditamos ser necessário ampliarmos as discussões sobre os usos dos jornais impressos e digitais em sala de aula como prática docente de leitura e escrita, contribuindo para um ensino de melhor qualidade e para a construção de um leitor crítico sobre o uso das mídias.

Vários estudiosos vêm tentando compreender o uso dos jornais em sala de aula e como incluí-los como ferramenta pedagógica na educação, como Faria (1999), Pavani (2007) Zanchetta (2007) e Toschi (1993). Desse modo, essa ferramenta pode auxiliar o professor na sua prática educativa, pois um professor crítico pode formar leitores críticos, conforme Libâneo (2002). Neste pensamento, almejam alunos críticos, mas é necessário formar educadores que contribuam essa habilidade na prática educativa.

Os jornais merecem destaque nas escolas pelo fato de estimular a prática de leitura quer seja por lazer ou satisfação pessoal, pois, de acordo com Goumelot (2001) “a leitura é sempre produção de sentido” (p.107). Pavani (2002) é outra autora que ressalta que o uso de jornais em sala responde à necessidade de estimular a prática de leitura não apenas na escola, mas no lar, nas bibliotecas, tanto para fins práticos como por lazer ou satisfação pessoal,

porque o aluno de hoje é bem informado. Com pesquisas bem fundamentadas em acontecimentos atuais na comunidade local e mundial, ele será um leitor crítico, criativo, visto que saberá fundamentar suas opiniões e críticas, contextualizá-las, destacando-se do alienado senso comum.

Dessa forma, segundo Borelli (2002), os jornais impressos chegam às salas de aula para ajudar os professores a desenvolver os componentes curriculares. Não se pretende brigar com o livro didático, que continua como um suporte. Porém, o jornal também é um suporte que auxilia o professor no desenvolvimento das competências e das habilidades dos nossos alunos e assim o faz em decorrência de sua instantaneidade. No dia seguinte, os acontecimentos das variadas áreas da vida humana podem estar publicados no jornal. Quanto ao livro didático, é necessário mais de um ano, para que as informações cheguem, nesse suporte específico, às mãos dos alunos e professores.

2.5 A Formação Crítica do Professor no Uso do Jornal em Sala de Aula

Cabe ressaltar que nenhuma mudança ocorrerá somente ao programar o acesso aos jornais impressos e digitais, se a criticidade a ser formada no hábito de leitura desses veículos de comunicação não fizer parte de uma prática social dos educadores e educandos de forma significativa, como apontam também os estudos de Kleiman (2002).

No contexto do uso crítico das informações jornalísticas na educação, as orientações oficiais, como a do PCN e outros documentos produzidos nos últimos anos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) não trazem devidas orientações sobre seu uso. Deixam o trabalho sob a responsabilidade do professor que, por sua vez, não tem formação inicial ou continuada suficiente para explorar de forma crítica os jornais impressos ou digitais em suas potencialidades em sala de aula. Reproduzindo, assim, práticas insignificantes e o pior de tudo, fazendo com que o aluno crie antipatia por esse gênero.

Nesse contexto de uso das informações jornalísticas, a escola ainda não promoveu meios de integrar as mídias de forma crítica e significativa nas salas de aula. Não raro são as empresas jornalísticas que oferecem programas com propostas pedagógicas associadas aos comerciais. Conforme Zanchetta (2007), incentivar professores e alunos por programas de formação de leitores financiados por empresas jornalísticas pode não ser a melhor solução para desenvolver a criticidade dos alunos, pois a ideologia implícita no jornal atende uma lógica mercadológica que não condiz com a Educação necessária hoje, na chamada “Sociedade do Conhecimento”. Tais programas são positivos por poder sanar lacunas deixadas pelas universidades que não deram a formação suficiente para o uso dos jornais aos educadores. Por outro lado, se os professores estivessem preparados para trabalhar com a linguagem jornalística de forma crítica, esses programas seriam bastante enriquecedores, uma vez que possibilitariam o acesso a essa mídia que, muitas vezes, não chega à escola por questões econômicas. O estudioso conclui que diversos são os programas de formação de leitores financiados por empresas jornalísticas. Entretanto, embora tais iniciativas tenham visibilidade, partem de fora para dentro da escola. Sendo que o melhor seria o movimento oposto, em que as leituras dos jornais fizessem parte das práticas sociais da escola.

Assim, percebemos que a formação inicial poderia contemplar de forma mais abrangente o uso crítico de jornais tanto impressos como os digitais, o qual seria ampliado e discutido na formação continuada, atendendo à necessidade da sociedade emergente. De forma geral, a formação continuada tem a função de proporcionar ao educador a atualização com as mais recentes pesquisas sobre educação, envolvendo reflexões críticas sobre a prática educativa. Esse atendimento pode ocorrer na própria escola ou ainda por meio de programas oferecidos pelo MEC, pelas secretarias estaduais ou municipais e outras modalidades. De acordo com o MEC (2008):

A formação continuada é uma exigência da atividade profissional no mundo atual não podendo ser reduzida a uma ação compensatória de fragilidades da formação inicial. O conhecimento adquirido na formação inicial se reelabora e se especifica na atividade profissional, para atender a mobilidade, a complexidade e a diversidade das situações que solicitam intervenções adequadas. Assim, a formação continuada deve desenvolver uma atitude investigativa e reflexiva, tendo em vista que a atividade profissional é um campo de produção

do conhecimento, envolvendo aprendizagens que vão além da simples aplicação do que foi estudado (Brasil, p.1).

Diante do posicionamento do Ministério da Educação e Cultura, a formação crítica para uso de jornais impressos e digitais deve ser objeto da formação continuada, uma vez que muitos professores não tiveram essa oportunidade na formação inicial. Sabemos que os educadores, principalmente os de Ensino Fundamental enfrentam dificuldades no que se refere ao uso das mídias. Uma das origens desse problema está ligada às deficiências em sua formação inicial, as quais permanecem em sua formação continuada. Adequar o uso crítico das informações jornalísticas à educação representa uma tarefa que exige disciplina e espírito de pesquisa. Uma formação crítica do professor para o uso de jornais tem constituído um referencial na busca de ofertar uma educação de qualidade.

Nesse sentido, Freire (1987) contribui com a ideia de que é preciso que os cursos de formação inicial busquem reagir à manipulação do pensamento ideológico das mídias e sua tentativa de alienação, de modo a conquistar uma real liberdade de pensamento. Então, a formação crítica de professores leitores-consumidores das mídias consiste em não permitir que a opressão, isto é, as estratégias utilizadas pelas opressoras “mídias” se firmem e se perpetuem no poder. Assim, a Pedagogia do Oprimido permanece atual, inclusive como referencial nos cursos de formação inicial e continuada de professores, na luta contra a opressão que os meios de comunicação possam utilizar. Contudo, evidenciamos que para se ter um uso pedagógico crítico das informações jornalísticas na educação é necessário pensar tanto na formação inicial do professor, como na formação continuada desse profissional que muitas vezes enfrenta dificuldades devido às lacunas em seu processo de formação.

Sendo assim, as vivências com as informações jornalísticas na formação docente fazem com que o professor tome consciência de que os parâmetros de referência para sua profissão, conforme Porto (2003) advêm não só dos conhecimentos teóricos, mas dos saberes de suas práticas e dos estímulos do mundo exterior, como exemplo, do contato com outras pessoas e com as

diferentes linguagens impressas ou digitais. Produzindo, ainda, relações de aprendizagens significativas. Outra consideração importante sobre a formação crítica dos professores para o uso das informações jornalísticas em sala de aula pode permitir que não ocorra o que previa Rosado (1998), quando o professor pode ter ao alcance de sua mão uma variedade de recursos (mídias impressas ou eletrônicas) e não utilizar nenhuma delas. Conforme a autora, os argumentos, com frequência de peso, para sustentar esse posicionamento vão desde a falta de recursos, a dificuldade de acesso a ele, a falta de segurança, de formação, de tempo disponível para conhecer o material e, o mais grave de todos os argumentos, está no uso inadequado efetuado pelo docente, que deseja simplesmente cumprir as exigências externas. Em termos de obrigação, o profissional serve-se de um material, cuja pertinência não reconhece em sua prática pedagógica ou não se interessa em buscar seu potencial.

3 METODOLOGIA

Para se construir conhecimento é importante adotar uma postura dinâmica em sala de aula, sendo necessário muitas vezes, pensar e repensar as nossas ações diárias. Isso nada mais é do que todo o processo de ensino-aprendizagem, o qual exige uma relação de troca entre os sujeitos envolvidos.

Com intuito de investigar o uso do jornal na sala de aula e colaborar para que esta mídia se torne apoio pedagógico para muitos educadores este trabalho apresenta uma pesquisa teórica e exploratória, em cima de estudos e pensamentos de autores, que trazem a história do jornal, seus benefícios dentro da sala de aula e sua colaboração dentro do âmbito da Educação, na compreensão de entender o papel do jornal no mundo e ressaltar a Educação, com enfoque maior na sua contribuição dentro da comunidade escolar e sala de aula. A pesquisa ou ato de pesquisar, ativa operações cognitivas superiores, ou seja, para ler e depois escrever é necessário ter habilidades específicas de leitura e escrita, o que é um ato mais complexo.

Diante desta metodologia, a pesquisa bibliográfica e fundamentação teórica, é um tipo que se desenvolve com base e através de pesquisas e materiais já elaborados, podendo estes, serem de diversas fontes como livros (de leitura e de corrente) , Publicações e Periódicos (Jornais e Revistas) e Impresses Diversos, Os livros segundo GIL (1999), constituem fontes bibliográficas por excelência, por causa da grande utilização dessa fonte e em função da forma desta utilização que podem ser considerados como de corrente e de referência, os de corrente referem-se aos diversos gêneros

literários e também a obras de divulgação que proporcionam conhecimentos científicos ou técnicos, os de referência são aqueles que possibilitam a rápida consulta e conseqüentemente sucinta captação de conhecimento, as publicações e periódicos são formadas por fascículos e tem como característica a rapidez da atualização da mesma , uma das principais vantagens da pesquisa bibliográfica é o fato que o pesquisador tem um leque muito maior e amplo do que aquela que poderia ser feita diretamente para cobertura do fenômeno em questão. E na sua questão exploratória, pois envolveu levantamento histórico na finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo veio proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores, de acordo com Gill (1999).

4 DISCUSSÃO DO TEMA E CONCLUSÃO

A proposta do presente trabalho não se baseia em apontar resultados conclusivos, mas indicar caminhos e possibilidades, articular discussões e opções para o enriquecimento e ampliação da prática pedagógica, sobretudo da leitura e escrita.

No contexto de uso de informações jornalísticas em sala de aula, facilitar a abertura da escola na direção das novas linguagens presentes nas mídias para a construção de conhecimentos continuará sendo urgência inadiável para o exercício dos novos modos de ler e escrever. Essa interação entre mídia e educação coloca ao educador o desafio de trabalhar com as diferentes informações e linguagens que circulam no meio social. Os novos horizontes textuais não mais se ajustam ou se limitam à tradição dos livros didáticos.

Mesmo com as desigualdades sociais, econômicas e as dificuldades que o ensino brasileiro sofre no momento, o jornal na sala de aula, pode sim, servir de um instrumento para aumentar o contato do aluno com o que acontece ao seu redor. Na sala de aula é possível, desde cedo formar leitores habituais, deixando de lado que jornal é “coisa de gente grande”. O relacionamento com o jornal pode começar nos primeiros anos do ensino básico e se estender para o resto da vida, estimulando o aluno a escrever, argumentar e participar. Assim os cidadãos serão mais informados, preparados para criticar, participar e fazer a história do seu entorno, país e mundo.

Acredito que o jornal em sala de aula é um valioso recurso pedagógico para que o leitor, por meio de uma leitura atual e motivadora, aprenda a ler, a pensar, a exercer a cidadania e sintam-se participante do processo dinâmico da vida social. Assim como a escola deve ser o local que proporcione diferentes

tipos de linguagem aos educandos, assim como afirma Citelli (2006), a escola tem desafio de trabalhar um universo de diferentes linguagens, sendo neste caso a sala de aula o espaço de facilitar estas experiências e fornecer os diversos meios de comunicação em prol do conhecimento.

Tendo necessidade de transformar a educação num processo de libertação, ratifica Guareshi e Biz (2005), não necessitamos apenas uma educação escolar, mas sim que seja capaz de utilizar de diversos meios para permitir a formação de pessoas com capacidade de compreender e atuar neste novo cenário mundial, que valoriza a informação. Kenski (2007) em suas palavras diz que um saber ampliado por rápidas mudanças caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade e reflete sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação, neste caso entre as formas de linguagem, a jornalística, fica claro que não pode ser tratada como base de informação, mas que necessita refletir e discutir diferentes formas de tecnologias e mídias, provocando novos conhecimentos e acima de tudo gerando conhecimento.

Tedesco (2004) elenca fatores que ajudam a incorporar as mídias na educação, tais como, implantar de forma estratégica e qualificada as tecnologias e mídias da educação, promover alianças dos setores públicos, e considerar de forma prioritário professor, modificando o seu papel de ensino e aprendizagem, mas em formas praticas e evidenciadas por estudiosos deste assunto, fica evidente que o recurso pedagógico jornalístico impresso ou digital é pouco explorado, mas que Pastorello (2005) afirma ser falha do currículo, mas acredito que não existe culpa inicial do currículo, mas sim do educador implantar dentro da sua sala de aula, este recurso que pode ser mais atrativo e até facilitador da mediação de conteúdos, que apenas não fique no papel do currículo numa forma obrigatória de conteúdo, mas que seja uma forma benéfica de recurso, contribuindo dentro do ensino-aprendizagem e até mesmo no resgate histórico-social de cada aluno como no presente focado na atualidade.

Neste mesmo sentido de que a escola será a formadora de cidadãos, mas críticos indagados pela leitura e escrita, Pimenta (2002) ressalta que a educação escolar possibilitará acesso aos conhecimentos científicos e

tecnológicos, e que terá condições teóricas e práticas para executar um trabalho significativo voltado para o uso crítico das informações jornalísticas, afirmadas por Belloni (1998). Em entendimentos afirmo que a escola será o centro de integração que dará as condições e o instrumento pedagógico facilitando o entendimento crítico desta linguagem usada por jornais, seja impressos ou digitais.

Em palavras finais Freire (1987 e 1997), “é preciso ler o mundo para ler os textos... com possibilidades de inúmeras fontes de informação.” Neste sentido deixa claro que as informações históricas, atuais e até futuras circula diariamente e somente a escola apoiada deste recurso pedagógico jornalístico, discutido neste trabalho, poderá assegurar uma democracia mais justa defendida por nossos cidadãos.

A utilização do jornal em sala de aula como recurso pedagógico, vem contribuindo de forma concreta na melhoria da leitura, a interpretação dos assuntos tratados sob um prisma reflexivo e crítico. Certa evolução no processo de ensino-aprendizagem os alunos que participam das atividades utilizando o jornal, por exemplo, na elaboração de opiniões, questionamentos, aprofundamento teórico. Isto significa dizer que o fato do aluno trabalhar com matérias jornalísticas como fonte de informação, ele pode obter habilidades mentais que lhes exigiram múltiplas operações até chegar a uma resposta. Ao contrário, dos antigos questionários que têm como referência um dado texto, só exigindo do aluno a localização no tal texto onde está a resposta esperada pelo professor. Contudo, o jornal por ser um material diário, oferece a possibilidade de informação atualizada, por isso a utilização do jornal tem de ser viabilizada pelo professor de maneira muito responsável, pois vale lembrar que, mesmo tentando ser isento de algum critério de valor, o jornal representa de certa forma, o momento histórico-social e, por isso, ele não deve fechar-se em opiniões, mas possibilitar ao aluno a reflexão e o questionamento. E que neste trabalho demonstrou com todo embasamento teórico de que a mídia impressa, o jornal dentro da sala de aula constrói leitores e alunos mais críticos por fazer não apenas um elo com a realidade social, mas por englobar toda a cidadania do mundo, desde os momentos históricos até os mais atuais.

Ao longo do curso de Especialização de Mídias abriu um leque de informações inovadoras para o ensino-aprendizagem que poderia incrementar em meus próprios recursos pedagógicos, mas foi com o uso de jornais em sala de aula que mais me identifiquei, proporcionando a descoberta mais aprofundada quando escolhi como tema da minha monografia. Por ser um recurso de baixo custo e fácil manuseio para qualquer educando explorei o tema objetivando, a importância do jornal no âmbito escolar, que contribuições positivas e através de pesquisadores como se dá o uso dentro da sala de aula. Muito além de contribuir aos futuros leitores deste trabalho, ele veio contribuir primeiramente a docência em sala de aula, como fator contribuidor no uso de leitura e escrita na alfabetização, e propicia aos alunos uma leitura atualizada sobre o nosso mundo, colaborando no resgate histórico-social do mundo e até pessoal.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Tecnologia e construção da cidadania**. São Paulo, 2004.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação à distância**. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. **Tecnologia e formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna? Educação e Sociedade**, v.19, n.15, Dez. 1998. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci-artex&pid=so101-73301998000400005. Acessado em 11/04/2013.

_____. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 1996. Disponível em: <http://www.rebidia.org.br/direduc.html>. Acessado em 19/05/2013.

BRASIL, MEC - **Ministério da Educação**. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Resultados e Metas. Disponível em: < <http://ideb.inep.gov.br/Site/>.> Acesso em 19/05/2013.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Rede Nacional de formação continuada de professores**. 2008. Disponível em: [HTTP://mec.gov.br/seb/index2.php?option=com_contem&task=view&id=203&p_op=](http://mec.gov.br/seb/index2.php?option=com_contem&task=view&id=203&p_op=). Acessado em 19/05/2013.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental.

BRUNNER, J. J. **Educação no encontro com as novas tecnologias**. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.

CITELLI, A. O. **Palavras, meios de comunicação e educação**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2006. v. 1. 288 p.

DIAS, A. A. C.; FILHO H. F. **A gênese sócio histórica da ideia de interação e interatividade**. In: SANTOS, G. L. (org.) **Tecnologias na educação e formação de professores**. Brasília: Plano, 2003.

FARIA, M. A. **Como usar o jornal na sala**. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O jornal na sala de aula**. 13ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA; A. P. **Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola pública de Ensino Fundamental**. Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP Marília, (Dissertação de Mestrado). Marília 2007.

FREIRE; P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. [online], v. 14, n. 2, p. 03-11, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8392000000200002 &lng=pt&nrm=isso. Acessado em 20/03/2013.

GHILARDI, M. I. **Mídia, educação e leitura**. IN: BAZOTTO, V. H.; GHILARDI M. I. (org.). **Mídia e educação**. 2002. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/MesasRedondas/Marialnes.htm>. Acessado em: 10/05/2013.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, N. G. **Computador na escola: novas tecnologias e inovações educacionais**. In: BELLONI, M. L. (org). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola. 2002.

GOUMELOT, J. M. **Da leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, R. (org.) **Práticas de leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

GUARESCHI, P., BIZ, O. (2005). **Mídia e Democracia**. Porto Alegre: Evangraf.

IJUIM, J. K. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. Bauru: EDUSC: Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KLEIMAN, A. **O jornal e a escola: programas e projetos**. Disponível em <http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/mesasRedondas/AngelaKleiman.htm>. 2002. Acessado em 01/04/13.

LIBÂNEO, J. C. MARTÍN-BARBERO, J. **Sujeito, comunicação e cultura**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/departam/cca/cultext> 1999. Acessado em 20/03/2013.

Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PASTORELLO; A. **Aprender ler jornais no ensino fundamental**. Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP, Marília. (Dissertação de Mestrado). Marília. 2005.

PAVANI, C.; JUNQUER, A.; CORTEZ, E. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas: Papirus, 2007.

PAVANI, C. **Jornal: (In) formação e ação**. Campinas: Papirus, 2002. **Reflexibilidade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?** In. PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.).

Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior.** V. 1. São Paulo: Cortez, 2002.

PORTO, T. M. S. **Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas.** Araraquara: JM Editora, 2003.

PRETTO, N.; PINTO, C. da C. **Tecnologias e novas educações.** Revista Brasileira de Educação. [online]. v. 11, n. 31, p. 19-30, 2006. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br.php?crip=sciartex&pid=s1413244782006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br.php?crip=sciartex&pid=s1413244782006000100003&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 20/03/2013.

ROSADO, E.M. da S. **Contribuições da psicologia para uso da mídia no ensino aprendizagem.** Águas de Lindóia: Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. 1998.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias.** 3. ed. São Paulo: Experimento, 2003.
TOSCHI, M. S. **Educação escolar e comunicação presenças e ausências do jornal na sala de aula.** Universidade Federal de Goiás, (Dissertação de Mestrado em Educação). Goiânia, 1993.

SILVA, L da. **O uso das informações dos jornais e revistas: possibilidade de formação para a autonomia e desenvolvimento de habilidades da disciplina redação no aluno do ensino médio.** Universidade Católica Dom Bosco, Dissertação. (Mestrado em Educação): Campo Grande, 2005.

TRINDADE, Antonio Alberto . **O uso do jornal como material educativo.** In: Vera Lucia Michalany Chaia; Miguel Chaia. (Org.). *Mídia e Política.* São Paulo: Educ, 2000.

ZANCHETTA JR, J. **Por que, afinal, a leitura de jornais na escola?** In: SILVA E. T. (org.). **O jornal na vida do professor e no trabalho docente.** São Paulo: Global: Campinas: Associação de Leitura do Brasil.

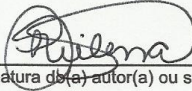
_____. Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil. *Educação e Sociedade.* Campinas, v. 28, n. 101, p. 1455-1475, set./dez. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIDADE DE TESE, DISSERTAÇÃO,
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE MESTRADO OU DE ESPECIALIZAÇÃO NO
LUME - REPOSITÓRIO DIGITAL DA UFRGS**

Uso interno

Nº de sistema SABI:

1 Identificação do tipo de documento	
Tese <input type="checkbox"/>	Dissertação <input type="checkbox"/> Trab. conclusão de mestrado <input type="checkbox"/> Trab. conclusão de especialização <input checked="" type="checkbox"/>
2 Identificação do autor e do documento	
Nome completo: <u>MILENA DE MACEDO ALVES</u>	
RG: <u>6088486573</u>	CPF: <u>006.232.970.78</u>
E-mail: <u>mylenalvys@hotmail.com</u>	Telefone: <u>(51)82473269</u>
Programa/Curso de Pós-Graduação ou Especialização: <u>MÍDIAS DA EDUCAÇÃO</u>	
Nome do orientador: <u>CARLOS TADEU Q. DE MORAIS</u>	Data da defesa: <u>22/04/13</u>
Título do documento: <u>A UTILIZAÇÃO DO JORNAL NA ESCOLA COMO APOIO PEDAGÓGICO</u>	
3 Autorização para disponibilização no Lume - Repositório Digital da UFRGS	
(A divulgação do documento digital é uma exigência da CAPES, disciplinada pela Portaria nº 013, de 15/02/2006)	
Autorizo a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, no Lume - Repositório Digital da UFRGS para fins de leitura e/ou impressão pela Internet.	
Texto completo <input checked="" type="checkbox"/>	Texto parcial <input type="checkbox"/> Especifique parte(s) a excluir e justifique: _____

Neste caso, informe a data a partir da qual pode ser divulgada, na íntegra, no Lume - Repositório Digital da UFRGS: <u> / / </u>	
Assinatura do Orientador: _____	
<u>TERRA DE AREIA, 19/08/13</u>	<u></u>
Local	Data
	Assinatura do(a) autor(a) ou seu representante legal
4 Está sujeito a registro de patente? (Portaria 3064/98UFRGS)	
Não <input checked="" type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/> Informar o nº do processo de encaminhamento ao Escritório de Interação e Transferência de Tecnologia, aberto junto no Protocolo Geral da UFRGS: _____	

OBS.: Preencher este Termo em duas vias. A 1ª via permanece na Biblioteca Setorial com o(s) documento(s) e a 2ª via, após a assinatura do Comprovante pela Biblioteca, deve ser encaminhada ao Programa de Pós-Graduação ou Curso de Especialização para registro do certificado de conclusão do Curso.

COMPROVANTE DE ENTREGA DO DOCUMENTO NA BIBLIOTECA SETORIAL

Em: / /